

Stadium

N.º 92 ★ 6 DE SETEMBRO DE 1944 ★ PREÇO 1\$50

VER NESTE NUMERO

a reportagem gráfica
e respectiva tricromia do

G. D. ESTORIL PRAIA



FERNANDO SACADURA

do **SPORT ALGÉS E DAFUNDO**

valoroso nadador, que
completou vinte e cinco
anos de actividade

(foto Nunes de Almeida)

ESTORIL

C O S T A D O S O L
(e 25 quilómetros de Lisboa)

Excelente estrada marginal ★ Rápido serviço de combóios eléctricos

A mais elegante Praia do país

TODOS OS DESPORTOS: Golf (18 buracos), Ténis, Hipismo, Natação, Esgrima, Tiro, etc.

ESTORIL-PALÁCIO-HOTEL: Moderno e Elegante - Magnífica situação.

HOTEL DO PARQUE: Todo o confôrto - Anexo às Termas.

MONTE ESTORIL HOTEL: (antigo Hotel de Itália) Completamente modernizado.

ESTORIL - TERMAS: Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico. Análises clínicas.

TAMARIZ: Magníficas esplanadas sôbre o mar. Restaurante - Bar.

PISCINA de água tépida - SALA DE ARMAS - ESCOLA DE EQUITAÇÃO - «STANDS» DE TIRO - PARQUE INFANTIL

CASINO: Aberto todo o ano.
Cinema - Concertos - Festas
Dancing - Restaurante - Bars
Jogos autorizados

INFORMAÇÕES:

Soc. Propaganda da Costa do Sol ★ ESTORIL

QUATRO CORRIDAS E QUATRO ATLETAS

Reminiscências dos Nacionais

pelo dr. SALAZAR CARREIRA

DIZ-SE que a velocidade é a reina das virtudes desportivas e talvez seja essa a razão do prestígio o que goza a corrida de 100 metros.

Explosão de energia, tem a efêmera duração de uns segundos; mal principiou e já acabou. Não dá tempo a reflectir. É' implacável como o destino e o mínimo preado original é irremissível e reflecte-se no julgamento final.

A prova dos 100 metros, nos campeonatos nacionais, começou em falta e veio a ser ajustada a novo erro. A falta na partida vitimou todos os espectadores e críticos especializados; o erro da chegada está flagrantemente arquivado na fotografia que publicamos no número passado.

O juiz da partida, Júlio Santos, é insuspeito de partidismo, mas o facto é que foi ele o autor dos dois campeões da época — e estou crente que o percalço lhe sucederá, com frequência, no futuro, se não adquirir maior calma e confiança na sua autoridade. Às vezes, para nos esquivarmos de uma solução embaraçosa, caímos noutra situação pior ainda.

O corredor Eleutério — que no caso figura como Pilatos no Credo, sem a menor responsabilidade, e que foi vítima inocente do mau humor do público, negando-lhe os aplausos que incondicionalmente merecia — batu sem dúvida alguma o tiro.

Não é preciso argumentar; basta ler o que escreveu o mais insuspeito dos críticos, nos «Sports»: no primeiro comentário diz que o «tiro o apunhou em movimento de extensão»; em segundo referência esclarece que o campeão de Portugal saiu balanceado.

Qualquer das explicações prova que o juiz devia ter chamado atrás os corredores, pois houvera falta no preceituado no regulamento, que determina deverem os concorrentes estar imóveis no momento do tiro e não serem permitidas as saídas balanceadas. Houve, por conseguinte, falta; não taranha como no regional, mas evidente e irremissível. Como tante vez acontece na vida, foram os inocentes que sofreram as consequências.

As condições de chegada também merecem exame cuidadoso, à base do documento que «Stadium» incluiu na sua informação gráfica.

A primeira e mais impressionante conclusão é que o segundo classificado foi Fernando Louresço.

Os juizes erraram, e erraram por sua culpa, como vamos provar: com o escudote colocado mesmo junto à corda da pista é impossível conseguir perspectiva suficiente para a perfeita visão de todos os corredores e, no rápido relance da passagem dos corpos, é sempre prejudicado aquêle que passa mais perto.

Mas outros elementos de crítica nos fornece a fotografia: o cronometrista Roberto Machado e o juiz de chegada Anibal Marques estão desviados da linha da meta e não podem, por conseguinte, julgar com exactidão.

No estado de progresso actual do atletismo português, estas coisas não podem continuar e o único remédio eficaz é a colocação de dois escudotes, um de cada lado da pista, postos pelo menos a dois metros, como manda o Regulamento.

Os 400 metros

Esta era a prova de maior expectativa e foi a de maior emoção. O duelo Sampaio Peixoto-Matos Fernandes teve grande beleza desportiva e pede revisão, quanto mais não seja para oferecer a qualquer dos dois rivais a oportunidade, ao seu alcance, de derrobar o «record» de Bastos, que está, na realidade, a pedir reforma...

Na pista do Lima, a mocidade e o poder do português dominaram incontestavelmente a ligeireza e a experiência do lisboeta, mas este pode alegar em sua defesa a atenuada da lesão sofrida no calcanhar, ao saltar em altura (não posso citar em entorse), a qual não o impedia de correr mas seguramente o irritorizava.

No programa do festival projectado para do-

mingo, de novo no Lima, figura uma prova dos 400 metros que oxalá reuna Matos e Peixoto, com um João Jacinto disposto a lutar para se vencer a si próprio e mostrar o limite das suas progressivas possibilidades.

A competição travada na corrida do campeonato nacional traduz perfeitamente as peripécias habituais do confronto entre os especialistas pertencentes aos dois tipos clássicos da distância: o longilíneo leve e o brevilineo possante.

Matos Fernandes teve vantagem na primeira parte da corrida e aos 200 metros havia recuperado toda a diferença de pista; a última curva foi percorrida pelos dois homens a par, isto é, com Sampaio Peixoto, que marchava pelo exterior, lutando já em condições desvantajosas de defesa. A entrada na recta final o português carregou a fundo no acelerador, e ninguém teve desde logo dúvidas sobre o resultado.

A situação de rivalidade entre estes dois corredores, que não hesito em classificar entre os melhores portugueses de todos os tempos na distância — supprada talvez apenas por Armando Cortezão — estabeleceu-se, portanto, assim: sempre que cheguem aos 300 metros próximo um do outro, Sampaio Peixoto será o vencedor; Matos Fernandes, porém, pode conseguir na primeira metade do percurso avanço suficiente para se defender da superior aceleração do adversário.

Postos assim as duas soluções do problema, fica, como agente de interesse, a incerteza sobre qual delas será a primeira a apresentar-se.

Os 5000 metros

As esperanças iludem. Quem julgue João Silva pela aparência formula com certeza, a seu respeito, juízo atlético errado.

De aspecto franzino, o novo campeão de fundo possui vulgares qualidades de resistência, porque a maquinaria é perfeita e de grande rendimento. Tem o estilo de um «recordman».

Correndo sem a mínima orientação preconcebida, deixando-se flutuar ao sabor das iniciativas dos adversários, Silva limitou-se a seguir passivamente a marcha do homem que toma a cabeça do poleão, para aplicar, a três voltas do fim, o seu golpe fulminante e abalar isolado — ninguém até hoje conseguiu acompanhá-lo — à conquista da vitória. Nestas circunstâncias de acaso, os seus tempos finais aproximam-se cada vez mais das melhores marcas nacionais.

No Póto, onde estabeleceu o seu melhor resultado, deveu à energia e ao merecimento de um restabelecido; depois dos campeonatos de Lisboa houve quem escrevesse o necrológico de Manuel Nogueira, mas bem val os mortos que demonstram ainda a vitalidade do veterano campeão.

Nogueira sabia que lhe era impossível ganhar o título, mas sentiu que tinha ao seu alcance o segundo lugar se conseguisse desembarçar-se dos adversários mais novos antes de chegada a cruce final da fadiga; por isso impôs andamento severo e, por três vezes em dois dias, levou vitoriosamente a cabo uma tarefa tectica que pode equiparar-se, sem desprimor, aos êxitos dos seus melhores tempos.

Vendo correr João Silva, na sua paradoxal facilidade, a memória recorda-nos a imagem do outro corredor do mesmo tipo, o pequeno Manuel Dias, quando, há quatorze anos, estabeleceu o «record» que dura ainda.

Elaborou para ele, em Lisboa, uma tabela de marcha, com os tempos fixados volta a volta, e que fôra ensaiada durante os treinos, para lhe dar a noção do andamento. O tempo previsto para a légua era de 15 m. e 15 s., mas na prova do campeonato, no Lima, Anibal Rodrigues — que participava na corrida apenas para auxiliar a tentativa nos primeiros quilómetros — partiu demasiado rápido e Manuel Dias seguiu-lhe na cola, apesar das minhas recomendações. (continua na pág. 7)

INICIATIVAS DA «STADIUM»

VAMOS MOVIMENTAR O CICLISMO DE COMPETIÇÃO?

A ideia divulgada pela «Stadium», de que vamos tentar movimentar a velocidade, começa a tomar vulto, a ser acarinhada e a ter os seus incondicionais colaboradores. Depois do acolhimento que a iniciativa encontrou da parte dos dirigentes da modalidade — acolhimento que traduz o apreço e o carinho com que os nossos propósitos foram encarados — surgem, espontânea e desinteressadamente, novos elementos a quererem cooperar connosco, uns dispostos a promover provas nos conchelos onde residem, outros concedendo descontos aos futuros frequentadores da escola de ciclismo — e ainda mais duas entidades que se prestam a ceder recintos onde essa escola possa funcionar. Assim, a nossa iniciativa, que será de largo alcance para o ciclismo, principiou já a interessar os meios velocipedicos, o que é garantia de êxito absoluto.

Porque a ideia não se resume apenas à criação de uma série de provas destinadas a gente nova ou a simples divulgação de determinados factores de carácter técnico. A iniciativa da «Stadium» é mais vasta e mais proveitosa, porque criará os alicerces necessários para que a modalidade progida e, quem sabe, se desembarce dos muitos vícios que a flagelam.

É que no ciclismo, como aliás noutras modalidades, nunca poderá haver progresso sem existir, consequentemente, uma camada de novos, já carreados na prática desse desporto, a fim de substituir os atletas que vão perdendo qualidades. Também nunca a modalidade terá desenvolvimento apreciável sem haver núcleo numeroso e entusiasta de organizadores. Isto não falando, é claro, do grau de aperfeiçoamento técnico dos ciclistas.

Se a França dá leis ao Mundo em matéria de velocidade, é porque consegue recrutar entre os seus 10.000.000 de ciclistas a média de 3.500 homens dispostos a correr. Assim, se há sempre quem tome o lugar de um «asa» que deixa as competições,

é porque é possível renhir no «Grande Prémio Dunlop» — admirável prova de propaganda, destinada a principiantes, que se efectua todos os sábados e domingos — a bagatela de 300 a 400 concorrentes.

Também noutros países, tais como a Espanha, a Bélgica, a Itália e o pequeno Luxemburgo, se a actividade ciclista é quasi constante nas épocas próprias, deve-se ao facto de naquelas nações se considerar a velocidade como o maior e melhor cartaz de propaganda de uma região turística, centro comercial ou industrial, ou outro qualquer sector sobre o qual é necessário chamar a atenção.

Eis porque «Stadium», na sua iniciativa de movimentar o ciclismo, inclui, entre outros, os seguintes projectos:

1.º Promover uma série de provas, dependentes umas das outras no que diz respeito a classificações, e destinadas a gente que nunca tivesse corrido, com o fim de captar novos elementos para o ciclismo de competição.

2.º Instituir prémios destinados a tornar possível a organização de provas em determinadas regiões onde aquela captação seja mais proveitosa.

3.º Criação de uma escola onde será ministrado o maior número de conhecimentos técnicos a todos quantos preendem, não só correr, como até aqueles que têm a missão de orientar corredores.

Estamos já em contacto com elementos de preponderância nos meios desportivos de algumas regiões, a fim de se estudarem as possibilidades de organizar as primeiras competições — as quais devem efectuar-se no fim da actual temporada. E quanto ao futuro curso de ciclistas, chamemos-lhe assim, contamos inaugurar-lo no próximo 15 de Outubro, em local a anunciar.

E, até lá, continuaremos a trabalhar.

GIL MOREIRA

Corrija o seu ESTILO

A fotografia é o fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes

60 e 60 A — Manuel Pires de Almeida, campeão de meio fundo

1 — Início da fase de impulsão; atitude correcta. A perna avança com o joelho flectido em ângulo agudo, o que facilita a elevação anterior da coxa, factor indispensável ao alongamento da passada.

2 — O movimento oscilatório dos braços, amplo, sem exageros nem contrações (ver a posição descaída e natural do ombro), permitindo portanto o livre funcionamento da caixa torácica, mantem no recuo a flexão rectangular do cotovelo; característica pessoal de estilo, fora dos cânones da moderna escola — gerada nos finlandeses — mas que no exame se coaduna perfeitamente com a harmonia geral dos momentos expressos pela fotografia nesta fase da corrida.

3 — Excelente posição do tronco e cabeça, ambos na mesma linha e ligeiramente inclinados para diante.

4 — O calcanhar já descolou e o joelho ainda está flectido.



5 — Na fase de apoio, com o membro inferior em suspensão a meio da sua trajectória propulsiva, são boas a flexão do joelho e a elevação do pé, que favorecem, como dissemos, o avanço do joelho.

6 — Apenas a posição da perna em apoio merece a cuidadosa atenção do corredor, pois se apresenta aqui com exagerada e fatigante flexão do joelho.

61 — Lemos de Macedo, campeão do lançamento do dardo.

1 — O dardo é puxado bem por cima do ombro, com notável flexibilidade articular do cotovelo na difícil posição de hiper-supinação da mão.

2 — Boa também a acção do braço esquerdo, arrastando para trás o ombro do seu lado e imprimindo à cintura escapular um movimento de rotação sinistrógiro que ajuda o trabalho do braço direito.

3 — A perna da retaguarda trava o balanço da corrida, deixando para trás o pé, a arrastar de ponta no solo. Bem, mas...

4 — ... a amplitude da última passada foi insuficiente e o joelho flectido não oferece a solidez de resistência necessária para apoio do movimento de avanço do tronco e braço direito. A perna esquerda está para o tronco do lançador de dardo como a vara para o corpo do saltador; com uma vara flectida em ângulo de vértice anterior, o corpo não consegue transformar em força ascensional toda a sua velocidade de translação.

62 — Olga Ribeiro, «recordwoman» de Lisboa do salto em comprimento.

1 — O salto vai no vértice da trajectória. A perna de chamada avança com o joelho demasiado flectido, reduzindo assim parte da força propulsiva que o seu movimento poderia trazer antes da preparação para a queda.

2 — A perna livre foi bem atirada para diante, mas...

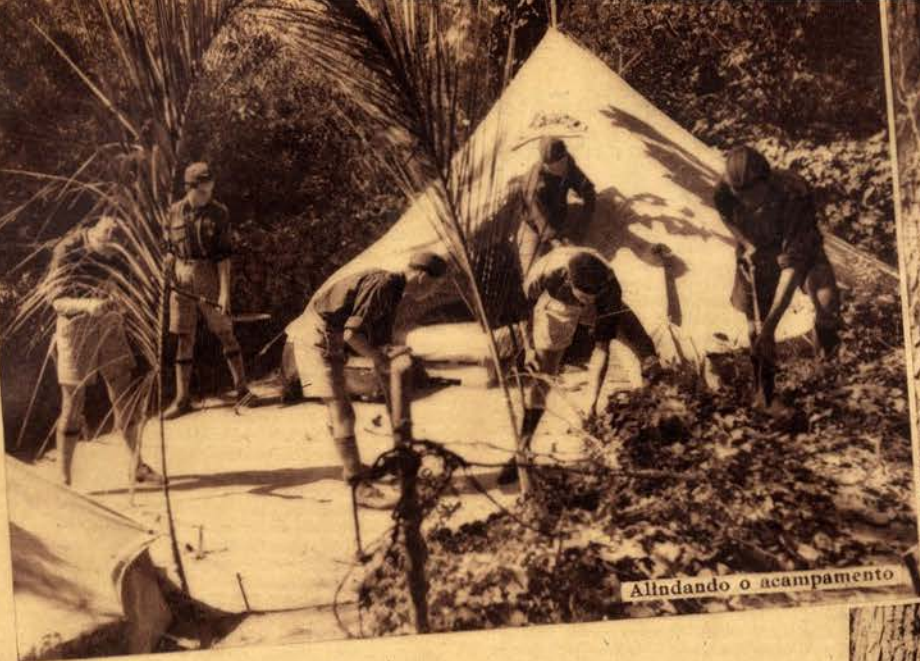
3 — ... o tronco está muito apurado, oferecendo re-



sistência à deslocação para diante, por mau aproveitamento da acção da gravidade. A saltadora dá a impressão de estar comodamente sentada no ar e não mostra conjugar gestos e esforços, no sentido de levar a queda do corpo o mais longe possível.

Salazar Carreira

NOTA: No último número desta secção, duas gralhas alteraram o sentido do que escrevi: Vou rectificar: no n.º 4 do comentário n.º 57, onde se lê «rotacões nervosas» devia estar «rotacões onerosas»; e no n.º 2 do comentário n.º 58, em vez de «assim muito menos nervoso» leia-se «assim muito menos oneroso».



Alindando o acampamento

A «MOCIDADE» NO PÓRTO

O acampamento da Escola Regional de Graduados

DA ponte sobre o Leça à Quinta de Vila Franca, onde se encontrava instalada, em regime de rigoroso campismo, a Escola Regional de Graduados da «M. P.», é, no dizer do povo, um salto de pardal...

Quem entrasse pela primeira vez nas «frentes» do acampamento não concebia quanto de belo, de disciplinado, de modelo de organização ficava para o lado de dentro dos muros.

Sempre assim tem sido, devido à forma inteligente como o sr. capitão Gonçalves da Silva, comandante da Escola, compreende a sua missão, como se comprometera do seu papel de dirigente de rapazes — quasi homens — para obter uma disciplina que, sem ser severa, é precisamente a exigida pelas necessidades.

A situação do acampamento não podia ser melhor. As tendas, instaladas entre o frondoso arvoredo, espalhavam-se pelos locais apropriados. Mais acima o refeitório, e as tendas em que viviam os monitores e instrutores, incluindo o próprio comandante da Escola. O gabinete do comando, a secretária e os serviços administrativos estavam montados numa dependência do pátio da proprietária da Quinta.

Foram, com a arrecadação dos géneros, as únicas repartições que estiveram debaixo de telha.

A vida do acampamento era saudável. Às 7 horas ouvia-se o alvorado, seguindo-se o hastear da bandeira e o arriano das barracas; às 8 tocava para o café e meia hora depois para o primeiro período de instrução: ginástica, campismo, transmissões, topografia, higiene e moral, em dias alternados. Às 12,30 era passada a revista pelo capitão Gonçalves da Silva, seguindo-se a segunda refeição. O render da parada fazia-se às 13,45. Descanço até às 15 horas, aproveitado para escrever à família, passear à roupa, preparar os botões...

Novo período de instrução, constando de formações e evoluções, jogos ou transmissões, orientação da comissão ou defesa civil e canto coral.

Às 19,45 lia-se a ordem, arriando-se a seguir a bandeira, para se voltar ao refeitório. Às 22 horas tocava a recolher e depois o silêncio reinava no acampamento. As tendas guardavam então 86 rapazes, sendo 20 do curso de comandantes de bandeira e 66 do curso de comandantes de castelo.

Assistimos a um pouco de tudo o que constitui a vida quotidiana dos rapazes. Vimos-os no arranjo das barracas e arrosamentos, na preparação e transporte do rancho para o almôço, a jogar o «volley» e fazendo ginástica.

Entretanto, na secretaria, o corpo redactorial dava os últimos retoques no «jornal de parede» do acampamento.

Havia nãde de tudo: desde a ordem do comando até às normas de instrução, e uma parte recreativa, constando de charadas, anedotas, etc.

A todos estes trabalhos superintendia o Comandante da Escola, assistido pelos srs. tenente Délio Tameirão, alferes Ramirez, instrutor Gouveia, comandantes de bandeira, Correia — comandante do corpo de alunos — e Hernani, ajudante, bem como o sargento Almeida, na parte do canto coral.

Assim, neste ambiente profundamente nacional, os futuros graduados da «Mocidade Portuguesa» recebem os ensinamentos precisos para equiparem, com segurança e conhecimentos, o seu lugar de dirigentes de outros rapazes. Começa nesta Escola a formação cívica da nossa mocidade, aprendendo a servir com dedicação, lealdade e valor. Hoje rapazes, amanhã homens, neles Portugal confia e entrega o seu futuro.

Mário Afonso



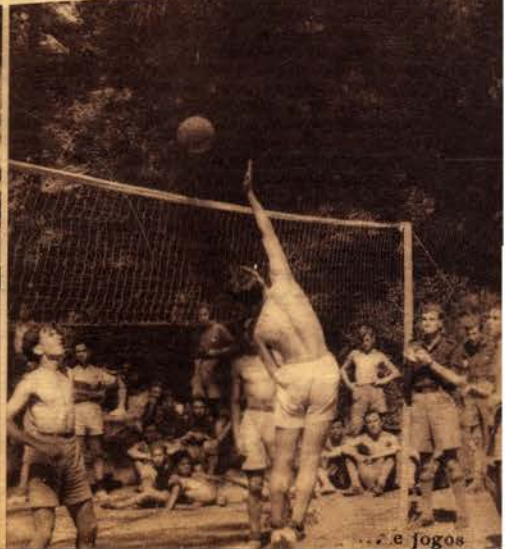
Um excelente exercício...



O almôço está pronto!



Cuidando do fisico, com ginástica...



...e jogos

A XXIV VOLTA À CATALUNHA E A PARTICIPAÇÃO DO SPORTING — OS CIRCUITOS DE ESPINHO, DA BAIRRADA E DE ALVERCA

Referimo-nos oportunamente à ida do Sporting a terras de Espanha, para tomar parte na «Volta à Catalunha», prova internacional de brilhantes tradições em Espanha. O importante circuito disputou-se em 10 etapas, no total de 1.115 quilómetros, entre dois domingos — 27 de Agosto e 3 de Setembro. Era nossa intenção inserir já neste número da «Stadium» uma crónica de análise à prova e referência ao comportamento dos corredores portugueses. Falta-nos, todavia, espaço e tempo para o fazermos. Tem de ficar para a próxima semana.

No que remos, porém, deixar de fazer um resumo rápido da prova, para se pôr em relevo que a representação «leonesa» teve luses de brilhantismo, e que a classificação geral não corresponde ao valor de algumas das suas provas, ressaltando-se de quedas e avarias, que parecem com certa frequência em provas destas características. Uma simples avaria, em má altura, pode anular o esforço de vários dias.

João Lourenço, que é ainda o melhor corredor da equipa «leonesa», distinguira-se bastante no princípio da prova. No circuito de Montjuich, a etapa de abertura, ficou em terceiro. No segundo dia, chegou em segundo. E triunfou numa das suas tiradas do terceiro dia. Principiou muito bem. Mas não pôde aguentar o ritmo da prova. Desceu, por isso, até ao décimo lugar na classificação geral. Oscilou, depois, entre sexto e sétimo, para melhorar um pouco na galopada final, com uma quarta posição que o levou de novo ao sexto lugar da classificação geral, apenas com uma diferença de 10 minutos e 41 segundos relativamente ao vencedor. João Lourenço teve, pois, comportamento brilhante.

Francisco Inácio fez-se notar pela regularidade, após um princípio pouco feliz. Entrou em 5.º na sexta etapa. A penúltima tirada, difícil pela chuva que caiu durante o percurso, levou-o ao 15.º lugar da classificação geral. Melhorou, também, no último dia, classificando-se em 14.º, no final da corrida. Júlio Mourão, o mais novo corredor do grupo lusitano, teve altos e baixos... Consegiu ser quarto e terceiro em dois dias, mas ficou-se no 18.º lugar da classificação geral. Aristides Martins foi o menos feliz.

Nenhum dos corredores portugueses se classificou para o «P-êmo da Montanha». Por equipas, manteve-se o Sporting em quarto lugar, embora chegasse a terceiro, a meio da corrida.

FERNANDO J. MOREIRA do F. C. do Porto ganhou o «CIRCUITO DE ESPINHO»

Disputado sob uma fórmula que deve ter satisfeito toda a gente — público, corredores e organizadores — correu-se no sábado mais um «Circuito de Espinho», a magnífica prova que o Sporting local há anos põe de pé com carinho e dedicação digna de louvor.

A fórmula de critério, creada por nós, há alguns anos, de saudosa «Volta dos Campeões», proporcionou de novo um grande espectáculo desportivo, em que os concorrentes mais bem apetrechados ou mais amplamente entreajudados se evidenciaram. Venceram, de facto, os melhores, no que diz respeito às classificações individuais, e destacaram-se também as equipas mais homogêneas para corridas deste género.

Fernando Moreira foi um justo vencedor, classificando-se em nove dos dez «sprints», pois conquistou cinco segundos lugares, três terceiros e dois quartos.

Se é certo que em quasi todas as embalagens teve em Aniceto, seu companheiro de clube, o melhor colaborador — não se pode todavia esquecer que Moreira venceu porque de facto possui, também, real valor.

Eduardo Lopes, ganhando três embalagens e classificando-se segundo, terceiro e quarto noutras três, fez o que humanamente se podia exigir, pois teve de responder aos sucessivos estícos de Império e às sucessivas tentativas de fuga de Aniceto e Manuel Pereira, todos coligados contra o «estradiata lisboeta, tecnicamente o mais rápido dos todos.

Que tal coligação deu resultado, prova-o o terceiro lugar de Manuel Pereira, mercê de 22 pontos obtidos em ultrapassagens de adversários ainda longe da meta, ou aproveitando-se do «reboque» dos seus colegas de luta.

Sacrificando-se pela sua equipa, Aniceto não pôde ir além dos 19 pontos, que lhe proporcionaram um bom quarto lugar.

A partir desta classificação, houve demonstração de nitida baixa de valor, à excepção dos homens que sofreram avarias. José Ferreira, quinto, só chegou aos 11 pontos, com a vitória numa embalagem; Clemente Gomes apossou-se de 10 pontos, merê de uma voluntariosa fuga; Manuel Cardoso, Baptista, Baltazar e Luiz Santos classificados em oitavo, nono, décimo e décimo primeiro, não foram além de 8,6, 3 e 2 pontos, respectivamente.

Apenas Império e Jorge Pereira não conquistaram pontuação que traduza as suas possibilidades. O Salgueirense viu-se obrigado a desistir depois de se classificar em todos os «sprints» que disputou, e o «iluminante» não passou dos 9 pontos (7.º lugar) porque fez metade da prova atrasado, por avaria, vindo depois, após valorosas perseguições, a marcar pontos nas quatro embalagens em que tomou parte, uma das quais venceu merecidamente.

Justa vitória da equipa do Porto, que teve comportamento brilhante; esforçado o trabalho dos «iluminantes», para dar ao seu clube o segundo lugar, apesar do seu conjunto heterogêneo; e réplica condigna e valerosa do grupo do Salgueiros, que seria segundo, em vez de terceiro, se não fôra a queda de Império.

Só o Sporting, Académico e Sangalhos, com

A consagração de um nadador

FERNANDO SACADURA foi merecidamente homenageado pelo Sport Algés e Dafundo

clube que o excelente desportista representa há 25 anos

FERNANDO SACADURA teve, no domingo, a sua recompensa, a consagração merecida, a homenagem a que por mérito próprio chegou, após uma carreira sem par na natção portuguesa. Vinte e cinco anos de actividade ininterrupta na mesma modalidade, no mesmo clube, e atinou o quarto de século, após ter tido «records» e «sinho» campeonatos, figurando ainda entre os novos nadadores de primeiro plano, é dar, realmente, motivos de invejar ao velado desportista.

Bem sendo, pois, o Sport Algés e Dafundo, criou-se a «Taça Fernando Sacadura» que teve a sua primeira edição no decurso de um animado festival, honrado com a presença do sr. Ayala Boto, illustre inspector de desportos.

As provas

Constituiu exclusivamente por seis estafetas, o programa da «Taça Fernando, Sacadura» reúne boas condições de agrado e, sobretudo numa oportunidade em que se verificou a melhor luta clubista, é susceptível de fornecer provas plenas de interesse e animação, como são, em regra, as esta etapas.

Voltou a verificar-se a pequena quantidade de clubes inscritos, estando presentes, praticamente, o Algés e o Estoril Praia.

Em iniciador, não houve luta. O Algés ganhou facilmente a prova de 3x50 metros-estilos. Armando Rodrigues, José Alves e Guilherme Patrão cobriram o percurso em 1 m. e 50 s. A turma do Estoril Praia gastou mais 6 s. e 6/10.

Nos 5x50 metros-estilos, principiantes, o Estoril Praia, com uma equipa constituída por três futuros campeões, e dois nadadores de reais qualidades para os respectivos estilos, ganhou por larga diferença, obtendo a sua única vitória no festival. Artur Mendes Silva, Cimara e Sousa e Jeremias Simão, o tiveram em 42 s. 3/10, contra 1 m. 52 s. 3/10 do S.A.D.

A prova de lavores foi a mais animada de todas, em virtude da luta travada entre as duas equipas do Algés e do Estoril Praia. Os primeiros tempos assim o indicam. Alguês B (Eduardo Baptista, Agostinho e Maria de Lourdes Mendes), o tiveram em 42 s. 3/10, contra 1 m. 52 s. 3/10 do S.A.D.

Na corrida de seniores, os dois primeiros postos foram também para o Algés, após luta agradável de seguir. A equipa A (Oscar, Alonso e Carrelhas), 1 m. 41 s. 3/10 venceu a equipa B, por pequena diferença — 2 s. e 3/10.

Na estafeta para meninos, apenas o elenco do Algés (Diamantina Rodrigues, Lucília e Maria de Lourdes Mendes), que deram a nota gentil do festival.

A estafeta mista de 12x50 metros-estilos, é uma prova de facto interessante, que deve proporcionar bom espec-

gente nova ou inexperiente em pugnas desta natureza — se não classificaram como as suas tradições o exigem. Mas isso não obsta que os seus representantes — Baptista, Cardoso, Freitas, Rocha e Dias Santos, não demonstrassem atributos de combatividade e espírito desportivo.

Vitória inesperada mas justa de Jorge Pereira no Circuito da Bairrada

O ciclismo lisboeta obteve, no domingo, uma nitida e justa vitória no duro e difícil «Circuito da Bairrada», redimindo os três últimos fracassos sofridos na luta com os ciclistas nortenhos.

Mercê de uma corrida orientada com rara inteligência, em que todos os corredores do Sul se empenharam para impor a sua classe, entre-ajudando-se sem cuidados de saber quem viria a ganhar, a meio da prova tinham eliminado todos os portuenses, à excepção de Cardoso, que foi o único a dar réplica aos adversários.

Assim, primeiro isolou-se Jorge Pereira e Baltazar Rocha, que fizeram uma fuga de 100 quilómetros, sendo apenas alcançados, já a 10 da meta, por um pelotão constituído por Lopes, Rebelo, Rocha, José Martins, Túlio e Cardoso. Estes corredores, orientados superiormente por Eduardo Lopes, foram os concorrentes que se evidenciaram na corrida, vindo Jorge Pereira, o vencedor, a bater Martins por um comprimento, numa embalagem movimentada e no tempo de 5 h. e 58 m.

Seguiram-se: E. Lopes, M. Cardoso, B. Rocha, J. Rebelo e M. Rocha, todos no mesmo tempo.

Estavam em disputa quatro taças, que foram ganhas pelos G. D. «Iluminante», Sangalhos, Académico e Salgueiros.

Na próxima semana focaremos tecnicamente o desenrolar da prova.

O Circuito de Alverca foi ganho por Pinto Ribeiro e pelo Lisgós

Para festejar a passagem do 5.º aniversário, o Futebol Club de Alverca levou a efeito a realização do «Circuito de Alverca», no percurso de 110 quilómetros, compreendido entre Alverca, Arruda, Carregado e Alverca (3 voltas). (Continua na pág. 11)

táculo com equipas de valor aproximado, o que não se verificou, porquanto, no domingo, o Algés tinha, por 19 s., a luta de vantagem sob o elenco do Estoril Praia.

Em seguida às provas — e a contar também para a «Taça Fernando Sacadura» — disputou-se um desajeitado relançamento de «vates-polos», a bela modalidade que o Algés teima — e bem justa pelo facto — em não deixar morrer. Fernando Sacadura foi, ainda, uma das figuras salientes do encontro, marcando dois dos cinco golos da sua equipa. José Manuel Correia (2) e Manuel Martins fixaram em 5-0 o resultado do encontro, para o qual — divididos por Pereira da Costa, do C. N. N. — os grupos altharim: 1 equipa A — Máximo do Couto, José de Freitas e Manuel Martins; Fernando Sacadura; Oscar Cabral, José Manuel Correia e Bazono Junior; Equipa B — Carrelhas; Anjoze e Henrique Santos; Rafael Ramos; Trovão, Afonso Gonçalves e José Cabral.

O alôço de homenagem

Festa de rara elevação, onde pairou bem alto o espírito desportivo, assim se pode definir o alôço de homenagem a Sacadura.

O sr. Basílio Antunes, da palavra fuzante, após o signficado da festa, apontando o belo exemplo de Fernando Sacadura, como campeão e atleta disciplinado. Na mesma ordem de idéias, discursaram também os sr. cap. Manuel Coentro, pelo Círculo de Oeiras, os nossos provedores camaradas Dias Pereira, pelo F. P. N. e pelo jornal «Os Sports», e Rebelo da Silva, do «Diário de Notícias», e o sr. general Estreia Martins, presidente da assembleia geral do S. A. D.

Também em nome da «Stadium» o nosso camarada Alvaro Torres evocou a vitória alcançada por Fernando Sacadura contra o espanhol E. H. varria, em 1933, numa emocionante prova de 200 metros-brucos. Apresentou, depois, em nome do dr. Guilhermino de Matos e de Avelar Machado, respectivamente director e chefe da secção da «Stadium», as saudáveis da nossa revista, agradecendo as amáveis referências feitas e dizendo da satisfação com que nos associávamos àquela simpática festa e da colaboração incondicional que o Algés continuará a encontrar, tal como até hoje, nas nossas colunas.

Por último, o sr. Ayala Boto saudou o homenageado em nome da Direcção Geral dos Desportos, aproveitando a oportunidade para fazer oportunas e judiciosas considerações acerca da modalidade e de alguns dos seus problemas. Fe-lo com a precisão habitual, expondo o arte e inteligentemente a sua opinião autorizada, rica de conceitos e plena de ensinamentos.

O Grupo Desportivo ESTORIL PRAIA

e a sua actividade nos campos desportivo, social e recreativo

O Grupo Desportivo Estoril Praia deve ser a colectividade desportiva mais discutida nos últimos tempos, isto é, desde a sua fundação. De facto, com cinco anos de existência, a agremiação da Costa do Sol tem sido alvo de comentários, nem sempre lisonjeiros, nem sempre justos, de quasi toda a gente que fala de desporto em Portugal! E que dispo de dirigentes com iniciativa e de bons recursos económicos, o Estoril-Praia cedo começou a salientar-se e a ganhar terreno... Ano a ano, acentuam-se os seus progressos e de tal modo que, decorrido tão curto espaço de tempo, alcançou posição tal que só poucos conhecem e raros ultrapassam.

JUNTO AOS MAIORES

Em cinco anos não podia fazer-se mais nem melhor. É o caso: chegou, viu e venceu!...

Podem invocar-se razões de vária ordem para procurar diminuir o que é, já, notoriamente grande; pode a acção dos seus dirigentes ser mal apreciada; pode o valor dos seus atletas ser contestado; a verdade, porém, é que do conjunto dos esforços destes e daqueles, com o amparo dos seus amigos e dos seus admiradores, uma bela obra se vê. E essa é que ninguém, de boa fé, pode negar — porque a evidência não se nega.

No futebol, sobretudo, há que considerar o Estoril-Praia como valor positivo. Na temporada finda, então, a categoria da sua equipa principal afirmou-se, ganhando o campeonato regional da II Divisão, o acesso à Divisão de Honra, o campeonato nacional da II Divisão e o direito de figurar na «final» da «Taça de Portugal». Uma série de triunfos valiosos. Apenas três derrotas em quatro dezenas de jogos!

Se não em valor absoluto, em valor relativo, a florescente colectividade da Costa do Sol foi o clube que, em futebol, obteve maiores louros na temporada de 1943-44.

Claro que a situação que passou a desfrutar — de componen'e da I Divisão da A. F. L., com probabilidades de também concorrer à I Divisão do nacional — acarreta outras responsabilidades, determinados deveres, dispensáveis em torneios de menor envergadura. Mas os dirigentes do Estoril-Praia — têm-no demonstrado — não se intimidam nem param. Trabalham. E, para o futuro que se avizinha, a massa associativa e os simpatizantes do clube confiam nêles.

DESPORTIVAMENTE, ALÉM DO FUTEBOL...

Mas não é só no futebol que o Estoril Praia se tem salientado. Na nataçã, como o provaram, sobretudo, os recentes campeonatos, a sua representação distingue-se pela qualidade e pela quantidade; em «handball» progrediu e ainda no último campeonato lisboeta, apesar de estreante, contribuiu poderosa-

mente para a invigiar animação do torneio, tendo obtido uma honrosa terceira classificação; e noutras modalidades os atletas estorilenses, ainda que em plano inferior ao atingido nos desportos anteriormente citados, batem-se com galhardia e apurmo, demonstrando cabalmente a ansia de progresso e as possibilidades de expansão da colectividade que representam.

Com a nitida compreensão das suas responsabilidades, os dirigentes do Estoril Praia têm manifestado, desde sempre, especial atenção e particular carinho pela gymnástica. Actividade bem orientada por professores

escrever-se há cinco anos e que não se interrompeu ainda...

A ACÇÃO SOCIAL, NUM CLUBE SEM PASSADO

Estamos, pois, frente a um clube que não tem tradições a respeitar, mas que se impõe, no entanto, pela obra já encetada, já grandiosa, e cuja cúpula se não vislumbra ainda.

A margem da ideia desportiva, a actividade do Estoril Praia no campo social e recreativo merece também focar-se, embora,



Pormenores da obra social do Estoril Praia — O Orfeão infantil

competentes e dedicados, acessível a todos os sócios e seus familiares, o desenvolvimento da gymnástica no Estoril Praia, através das suas várias especialidades, merece referência aparte pelo que representa da intenção de bem servir e de contribuir para o revigoreamento da raça numa região onde pouco ou nada se fazia sob este aspecto. Essa referência aqui fica. E o louvor também.

Com cinco anos de existência, pode dizer-se que o «Estoril»... não tem Passado... A sua acção, o seu progresso, o seu desenvolvimento, como que obedecendo a um programa estabelecido na primeira hora, constituem, por assim dizer, não páginas vividas, mas «frases» de um capítulo que começou a

dada a indole deste artigo, apenas de fugida.

A criação de aulas de instrução primária para «miúdos» filhos de sócios e de não sócios, e do curso de aprendizagem e aperfeiçoamento de idiomas estrangeiros, para crianças e adultos, são, além de outras, iniciativas de envergadura sob o aspecto da instrução.

A manutenção de um pósto de socorros para associados e famílias é, salvo erro, caso único no desporto português.

E não devemos esquecer que o Grupo Desportivo Estoril Praia dispõe de uma excelente banda, de um apreciável orfeão infantil e de um grupo cénico privativo.

Com tais recursos e raio de acção, com uma sede de situação e amplitude maravilhosas, e as responsabilidades que criou, o «Estoril» necessita, agora, substituir ou melhorar o seu campo de jogos. Sabe-se que isso está no pensamento e nas intenções dos seus dirigentes, o que quer dizer que será, em breve, caso arrumado...

Nesse dia e seguindo pelo mesmo caminho até agora trilhado, o G. D. Estoril Praia será, embora pese aos seus detractores, um motivo de orgulho do desporto português!

CARLOS CORREIA



O excelente tanque para a instrução de remo, construído no Jardim da sede do Grupo Desportivo Estoril Praia

O Sr. Frederico Bandeira

Vice-presidente do Grupo Desportivo Estoril Praia

evoca o esforço do seu clube e os projectos em curso para melhor servir o desporto

PARA que nos falasse dos projectos e das intenções da direcção do Estoril-Praia, procurámos o seu vice-presidente, o nosso amigo Frederico Bandeira — pessoa que, pela força da sua situação, da sua experiência e da sua actividade no clube, melhor podia fazê-lo. Frederico Bandeira escusou-se: «que era preferível que ouvíssemos o seu presidente o conhecido desportista dr. Joaquim Canas Cardim». Mas ficámos conversando...



Dr. Joaquim Cardim

Na conversa vieram informações, pormenores, pensamentos, desabafo... E, ao cabo de meia hora de palestra despreocupada, estava feita a «entrevista». Colheramos os elementos que necessitávamos, os que nos pareceram bastantes. Foi com estes que compusemos o trabalho que apresentamos aos nossos leitores e, principalmente, aos admiradores da progressiva agremiação da Costa do Sol.

Registe-se, pois, o que nos disse Frederico Bandeira. O clube, cujos progressos constantes não podem deixar de desvanecerem, atingiu, agora, um ponto culminante. O momento é delicado, reconhecemos. Contudo, não nos sentimos atemorizados e estamos preparados para corresponder às responsabilidades criadas. Força de vontade não nos falta. Oxalá o decorrer dos acontecimentos não nos seja injustamente desfavorável.

«No futebol, por exemplo, modalidade que, pela sua expansão e popularidade, mais contribuiu para tornar grande o nosso clube, o Presente não é desanimador. E vamos co-

meçar a preparar-nos para o Futuro... Criámos uma escola para rapazes dos 14 aos 16 anos, cuja actividade será acompanhada de uma rigorosa assistência médica, e no próximo campeonato de júniores lá estaremos.

«Em natação, a actividade das nossas escolas, sabiamente orientadas pelo Azinhais, é qualquer coisa de agradavelmente impressionante. São dezenas e dezenas de praticantes de ambos os sexos e de todas as idades. Já começámos a colher os frutos... Deve, até, frizar-se que os inúmeros campeonatos e classificações honrosas obtidas recentemente para o nosso clube foram alcançados, na sua grande maioria, por nadadores que começaram cá a sua aprendizagem e que, antes de representarem o Estoril, não tinham defendido qualquer outra bandeira.

«Noutras modalidades também o meu clube irá ter larga e útil actividade. Mantemos as secções de «hanball» e de «rugby». Faremos a nossa estreia no atletismo, com um grupo de iniciados que a competência do conhecido desportista Morais de Almeida está aperfeiçoando. Inaugurámos já uma sala de boxe com agradável frequência, dirigida pelo súbdito inglês George Gogay, antigo campeão da Europa da categoria de amadores. Em atletismo não aparecemos nos últimos campeonatos porque certas dificuldades burocráticas impediram a nossa filiação, a tempo e horas, na Associação Regional. E no pugilismo também não podemos concorrer aos campeonatos que vão disputar-se no princípio de Setembro por estar ausente, no seu país, o orientador da respectiva modalidade. Mas um ano de espera, quer numa, quer noutra modalidade, não nos prejudicará. Talvez pelo contrário...

«Mais nos tem aborrecido o que se passa com o remo, que Orlando Basso dirige com carinho e competência. Possuímos, já, 2 «yoles» de 4 remos e mandámos construir 1 «shell» de 4 e outro de 8. Temos um magnífico tanque para a aprendizagem. Praticantes entusiastas e habilidosos, não nos faltam, todos gente nova. Contudo, não podemos concorrer às provas, nem sequer obter a filiação no organismo respectivo, porque a tal se têm oposto razões que não compreendemos e que procuramos contestar como nos

parece de justiça... a bem do Desporto e da modalidade em particular. Essa contrariedade, como outras que temos conseguido vencer, não nos desanima, porém...

«A ginástica continua a merecer a nossa melhor atenção. Além da que, por lei e já por nossa anterior iniciativa própria, é ministrada aos atletas praticantes, funcionam aulas para adultos e para rapazes dos 12 aos 16 anos, ginástica aplicada, dirigida pelo professor Robalo Gouveia, e, enquanto a nossa situação económica o permitir, criaremos tantas aulas quantas o exigirem as inscrições para a sua frequência, felizmente sempre crescente. Desejamos contribuir para que nesta zona de maravilha uma pleiade de homens fisicamente sãos seja, com o seu exemplo, o melhor cartaz de propaganda das vantagens da educação física, à qual ficarão certamente gratos, bem como ao nosso Grupo. Esta gratidão será a melhor resposta a opor àquela onda de más vontades que por vezes temos de lutar...

«Quanto à nossa obra social, recreativa e instrutiva, procuraremos melhorá-la e ampliá-la, cada vez mais. Mantemos o orfeão infantil e a banda, claro. O mesmo sucederá com o pósto clínico, tanto mais que a assistência médica e de enfermagem aos atletas já existia mesmo antes da imposição oficial, e a nossa é extensiva a todos os associados que dela necessitem, pois que o nosso grupo — contra aquilo de que nos acusam, injustamente — não foi criado para se interessar só pelos assuntos que possam servir de propaganda à Costa do Sol, que de tal não necessita, pois a obra de Fausto de Figueiredo era já sobejamente conhecida no país e no estrangeiro antes da fundação do Grupo. Finalmente, manteremos, também, as escolas de instrução primária para os dois sexos e abriremos mais uma aula nocturna para adultos, lamentando apenas que a sala não tenha maior capacidade, pois que o maior desgosto da nossa vida directiva é ter de negar instrução a quem no-la solicite. E continuaremos as aulas de inglês e de francês, cujo número aumentará e a sua afluência o justificar.



Frederico Bandeira

sante para o meio, mas que vamos procurar aumentar pela propaganda directa e por uma actividade clubista cada dia maior.

«Apenas lamentamos não poder oferecer já, aos nossos associados e ao público desportivo, um parque de jogos em condições que nos satisfaçam. O que possuímos — reconhecêmo-lo — não basta. Estamos a introduzir-lhe vários melhoramentos, tais como a ampliação do peão, que ficará com capacidade para 6 ou 7 mil espectadores, o aumento do número dos camarotes e dos lugares sentados, de forma a poder acomodar, aqui, mais 3 ou 4 mil pessoas. Também lhe melhorámos o piso e os balneários. Mas tudo isto são simples remedições. Não descansaremos enquanto não possuímos um parque de jogos condigno, com «rink» de patinagem, «courts» para «tennis» e instalações para a prática de outras modalidades. Tinhamos em vista um terreno espaçoso, perto da estação de S. João do Estoril, mas as condições em que no-lo oferecem estão muito acima das nossas possibilidades... e necessidades... Porque o nosso problema — das instalações desportivas — vai além do âmbito estritamente clubista, temos esperanças de que ele venha a interessar, praticamente, os organismos oficiais e officiosos do concelho. Não nos parece excessivamente exagerado este optimismo!...



A acção cultural do Estoril Praia — Uma conferência do sr. Guilherme Cardim, sob a presidência do sr. Capitão Maia Loureiro

Faleceu há dias o sr. Eduardo Ferreira Pinto Basto, irmão de Guilherme Pinto Basto e tio de Eduardo Luís Pinto Basto. Citamos apenas estas pessoas de família do falecido, para salientar que este se encontrava ligado ao desporto nacional, por si, pelo seu irmão Guilherme, introdutor do futebol em Portugal, e por seu sobrinho Eduardo Luís, a quem o Clube Internacional de Futebol deve parte da sua fundação e número elevado de notáveis serviços. A Guilherme, Eduardo e Frederico Pinto Basto, tal como há meses, se deve, em conjunto, o lançamento do futebol, entre nós. Guilherme Pinto Basto foi o mais jogador, o que mais directamente se entregou à tarefa entusiástica de levar pe'a prática e pela expansão do jogo. A Eduardo Ferreira Pinto Basto coube a honra de ser o árbitro do 1.º Pôrto-Lisboa, em 1894. Aos três se deve a toda a reacção de alguns treinos e «marchs» particulares, na quinta de Foz de Arelas, em Belas, onde agora faleceu Eduardo Ferreira Pinto Basto. A fundação do Internacional representou como que a conversão em clube do chamado Grupo dos Pinto Bastos. Todos estes souberam ser jogadores — e «gentlemen». Foram desportistas do melhor quilite.

Aos irmãos Pinto Basto, e a toda a família dos jogadores da primeira exibição pública, em 1898, foi prestada pública homenagem de gratidão e simpatia em

Em consequência, foram menores do que o previsto os tempos dos dois e três mil metros, mas ao atingir o quarto quilómetro o corredor faguejou e ficou, no final, a dez segundos do «record» presumido.

Erão bons tempos, esses, em que se trabalhava sem vedação à competição — mas com satisfação de compensações morais que nos deixaram inescusáveis lembranças.

A estafeta 4x100 metros

Há uma diferença fundamental entre uma estafeta e uma corrida individual; em ambas, porém, se procura a mesma coisa, que é chegar mais depressa à meta. Na corrida individual intervem apenas a velocidade do atleta; na estafeta há que contar com um factor novo, a transmissão, que é

1933, quando o «Século», por sugestão de Cândido de Oliveira, tomou a iniciativa das festas comemorativas das «Bodas de Ouro» do futebol lusitano.

Causou por isso grande consternação a notícia do falecimento de Eduardo Ferreira Pinto Basto. E no seu funeral tomaram parte muitos desportistas, fazendo-se representar inúmeros clubes, associações e federações do desporto.

Ao sr. Guilherme Pinto Basto, a Eduardo Luís, a toda a família do illustre extinto, e ao Internacional, endereçamos os nossos sinceros pêsames.

o agente de ligação entre quatro velocidades somadas.

É tão importante este pormenor da estafeta que, na constituição das equipas de selecção nacional, nunca se encontram reunidos os quatro seleccionados dos 100 metros em linha.

Devemos, portanto, considerar como espiciosa toda a apreção que se fundamenta em confrontos de velocidades individuais. Exemplo: somamos os tempos em 100 metros dos quatro corredores de uma equipa e a totalidade é inferior à dos componentes de outra equipa; no entanto, opostos os dois quartetos em estafeta, o segundo bate o primeiro. Foi o melhor, sem reservas sobriamente; só isso conta — o resto é «paisagem»... para os românticos...

A estafeta de velocidade nos Nacionais foi empolgante; defrontaram-se dois grupos de valor muito aproximado e só no final se decidiu a contenda. O Sporting tomou o comando desde o princípio, pois Alvaro Dias — o homem que parece que não corre, mas corre... — recuperou mais de um metro (não quero exagerar e por isso fico a quem da realidade) a Matos Fernandes. No percurso imediato, Raposo partiu melhor lançado e ganhou terreno, de forma que Núncio e Ferreira fizeram a curva a par, com vantagem para o sportingista. Lourenço saiu com um metro de vantagem, que manteve até ao fim, distanciando-se na embalgem tanto quanto Eleteúrio se aproximara nos primeiros cinquenta metros.

O «record» foi batido, pela diferença mínima, ao cabo de 4 anos e 16 dias de existência; veremos quanto durará a nova marca. Talvez menos, possivelmente outro tanto; tudo depende de voltarem a encontrar-se oito homens da classe destes que se bateram, com honra e glória para todos, na famosa pista do Lima.

Sampaio Peixoto

Abencoados 22 anos, esfuziantes de saúde e de vigor. Este rapaz impressiona na pista, pela alegria do seu esforço e pela rapidez da sua recuperação. É, como disse, um Campeão, com C grande; no restrito meio dos nossos valores, figura de fenómeno. Cautela, porém, com os excessos de ambição. Diz o povo: quem tudo quer, tudo perde...

Suponho que os mais perigosos adversários de Sampaio Peixoto são os seus dirigentes. Isto pelo que ouvi na bancada do Lima, onde só faltou levar-no à força para a partida dos 100 metros, prova que antecedia no programa a dos 400 metros, onde ele jogava a mais difícil cartada e para a qual precisava de recursos intactos.

Sampaio Peixoto soube manter a sua vontade dentro do conselho do bom senso; mais um motivo para me merecer confiança o futuro da sua carreira atlética.

Considero os 400 metros a distância para a qual possui maiores aptidões; terá de escolher, depois, entre os 200 e os 800 metros, para complemento da sua actividade em competição. Em qualquer das distâncias pode alcançar resultados favoráveis, mas, no seu caso, preferiria a menor.

É aquela que melhor se adapta ao seu temperamento e condições atléticas.

Alvaro Dias

No côro vário dos elogios consagrados aos participantes nos campeonatos ninguém focou a vida a proeza deste rapaz, modesto e silencioso, que conquistou na mesma tarde dois «records» nacionais.

Alvaro Dias é um atleta que não impressiona visualmente: não dá a noção de velocidade e, no entanto, é rápido; não parece muito ágil e, contudo, possui elasticidade formidável.

É um descontraído, da mesma categoria de Matos Fernandes; a natureza dotou-os para o atletismo — e o cuidado dos homens limita-se a orientar e disciplinar as virtudes que touxeram consigo ao nascer.

O novo detentor do máximo português no salto em comprimento há-de ultrapassar brevemente os sete metros: é função de aumentar a corrida preparatória e balizá-la, para acertar a chamada.

Mas, além de especialista de excepcionais qualidades, este rapaz é um perfeito atleta completo, que seria interessante trabalhar para o decatlo.

Por que não organiza ainda esta época a Federação do decatlo nacional?

HIPISMO

AS PRIMEIRAS PROVAS DO CONCURSO DE MAFRA E A VITÓRIA DE HENRIQUE CALADO NO CAMPEONATO DO CAVALO DE GUERRA

DESPERTARAM o maior interesse as provas disputadas nos dois primeiros dias do V Concurso Oficial de Mafra, ao qual concorreram inúmeros cavaleiros.

A «Omnium» reuniu este ano perto de uma centena de inscrições, o que a tornou extraordinariamente animada. Estava dividida em duas séries, sendo a primeira destinada aos cavalos que não tivessem ainda ganho quinhentos escudos em provas de obstáculos, e a segunda para as restantes montadas inscritas no Concurso.

Qualquer das séries ofereceu o triunfo ao capitão Correia Barreto, que no «Zezere» e no «Raso» obteve os dois primeiros prémios, em percursos brilhantes.

Na 1.ª série, o «Zezere» — uma das melhores irlandês recentemente adquiridos — transpôs os 12 obstáculos em 1m, 31s, 4/5 (4.º tempo nas duas séries em conjunto) e o «Raso» cobriu em 1m, 28s, 1/5 o percurso da sua série, constituído também por 12 obstáculos, mas mais altos.

É de registar a actuação do alferes Henrique Calado, 2.º na primeira parte da prova, no «Bastador» e 2.º, 4.º e 5.º na segunda, respectivamente no «Paiol», «Xangai» e «Zuzuri».

O Concurso abriu com a prova destinada a sargentos, intitulada «Depósito de Remonta», ganha por J. Geça com um dos dois únicos percursos sem falhas.

No domingo realizaram-se as provas «Grémio da Lavoura», para cavalos sem «handicap» e «Câmara Municipal de Mafra» (Grande Prémio), sendo esta última formada por 16 obstáculos, à altura máxima de 1.50 m.

O alferes Henrique Calado, no «Zuzuri», obteve o 1.º posto da classificação na prova que abriu o programa do segundo dia. Mais um 1.º prémio a juntar aos seis já obtidos na presente época. Isto diz tudo.

O «Grande Prémio», entusiasticamente disputado, foi ganho pelo capitão Correia Barreto, no «Raso», depois de luta emocionante. O seu valor de excelente cavaleiro — do qual, aliás, ninguém duvida... — foi mais uma vez comprovado, enquanto que o «Raso» continuou a impor-se como animal de extraordinária categoria.

A vitória alcançada pelo alferes Henrique Calado no Campeonato do Cavallo de Guerra, im-

portante prova que acaba de disputar-se em Torres Novas, confirma a magnífica forma do jovem cavaleiro internacional, que no decorrer da época tem obtido triunfos brilhantíssimos.

Henrique Calado, que nos últimos tempos afirmou o seu valor de maneira incontestável, é, este ano, o mais regular de todos os concursistas portugueses e aquele que conseguiu, até agora, maior número de vitórias.

Seleccionado para fazer parte da nossa equipa representativa no Concurso Hípico de Madrid, o alferes Calado teve na capital de Espanha exibição meritória, coroada com o triunfo no «Grande Prémio», prova extraordinariamente difícil e a mais importante de quantas formam o programa hípico espanhol.

Pouco depois do seu regresso do país vizinho, no decorrer do Concurso Internacional de Lisboa, obteve duas vitórias brilhantes, ganhando o «Grande Prémio» e a «Taça de Honra» e colaborando na vitória da equipa de Portugal na «Taça de Ouro da Península».

Admiravelmente montado, com os seus cavalos em boa forma, o alferes Henrique Calado ganhou ainda no Pôrto a prova de «Regularidade», e em Vila Franca a «Taça de Honra».

O campeonato do Cavallo de Guerra, prova importante, que se marca o valor de um animal indica, sem dúvida, os méritos de quem o monta, trouxe-lhe este ano um título notável, que obteve pela primeira vez, numa prova em que não era o favorito, mas na qual afirmou, de novo, os seus recursos e as suas qualidades de cavaleiro.

É com este grupo de 1.ºs prémios que Henrique Calado se apresenta nos Concursos de Mafra, Cascais e Oeiras, disposto, por certo, a não interromper a lista dos seus triunfos.

O segundo lugar na 1.ª série do Campeonato do Cavallo de Guerra foi atribuído ao tenente Seródio, que no ano anterior obtivera a vitória e que no decorrer das provas deste ano tornou a ter brilhante actuação.

Os postos restantes da classificação geral foram ocupados pelos capitães Campos e Pimenta da Gama.

Os quatro prémios da 2.ª série couberam ao tenente Rodes Sérgio, capitão José Carvalhos e alferes Abrantes Silva e Ferreira Coelho.

Fernando Sacadura

vingte e cinco anos de dedicação
aos desportos e ao
Sport Algés e Dafunder



Aspectos do festival; 1—O dr. Oliveira Duarte, presidente da F. P. N., coloca no peito de F. Sacadura a primeira medalha de mérito desportivo concedida pela Federação; 2— Lucilla Angeja em plena prova; 3—A equipa de 3x50, estilos, iniciadas, do S. A. D.; 4— Sacadura remata um dos pontos marcados no encontro de «water-polo»; 5—O mesmo valoroso nadador, nos 3x50, estilos, seniores, faz o seu percurso em «mariposa»; 6— Os doze «setes» que disputaram o jogo de «water-polo» fotografados para a «Stadium»

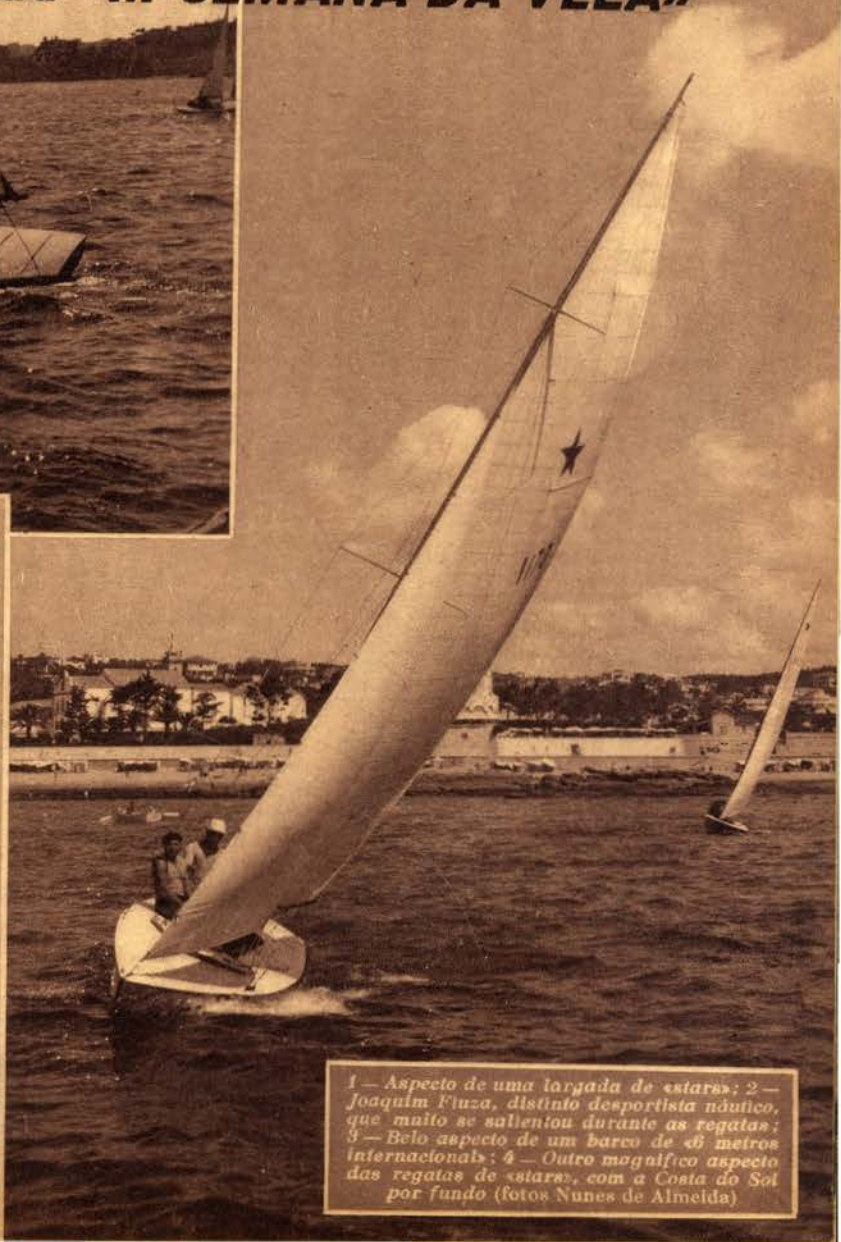
(Fotos Nuno da Almeida)



Alguns excelentes instantâneos
da «III SEMANA DA VELA»



3



1 — Aspecto de uma largada de «stars»; 2 — Joaquim Fiuza, distinto desportista náutico, que muito se salientou durante as regatas; 3 — Belo aspecto de um barco de «6 metros internacionais»; 4 — Outro magnífico aspecto das regatas de «stars», com a Costa do Sol por fundo (fotos Nunes de Almêida)

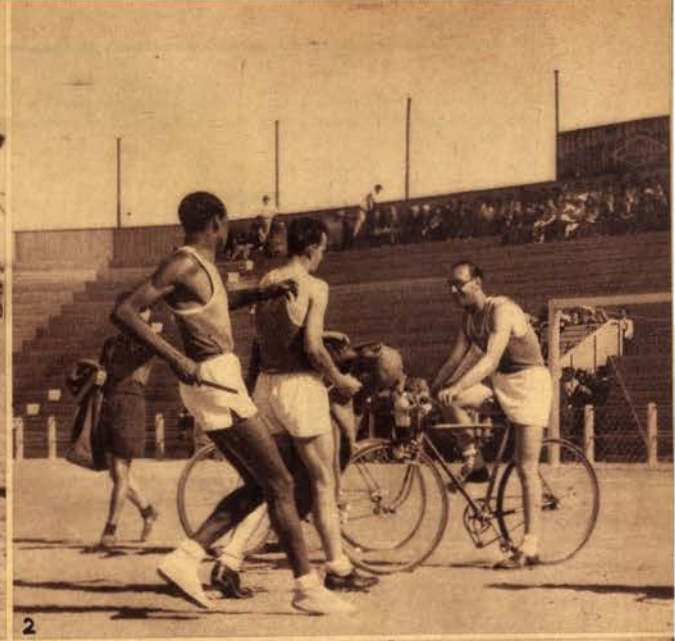
PORTUGAL DESPORTIVO



NATAÇÃO 1 — A equipa do Salgueiros, vencedora da «Milha no Mar», prova organizada pelo Galitos, Ao melo, J. Conceição, que triunfou individualmente. **VELA:** 2 e 3 — O «vovga» e o «andorinha» vencedores das regatas de domingo no Douro. **CICLISMO:** 4 — Animada fase do «Circuito de Espinho»; 5 — Moreira, do F. C. do Porto, vencedor do circuito. **TENNIS:** 6 — José Roquete, que conquistou mais uma vez o título de campeão de Portugal; 7 — Uma jogada de D. Gabriela Cantharino; 8 — Os finalistas da prova de pares mistos: a partir da esquerda — J. Roquete, G. Cantharino, A. Botter e Peggy Brixte

(fotos Hermann)





A secção de ciclismo do popular Benfica organizou, no domingo, no Campo Grande, um curioso festival, que despertou interesse. As gravuras mostram: 1— Uma defesa de Martins no jogo treino de futebol; 2—Matos Fernandes vai transmitir o testemunho durante a disputa da estafeta mista; 3 e 4— Os grupos apresentados para o encontro de futebol, ganho pela equipa A por 6-2; 5— Curiosa defesa de Rosa... (fotos Madeira)



AS NOSSAS REPORTAGENS E TRICROMIAS

Como anunciamos, publicamos hoje a reportagem referente ao

GRUPO DESPORTIVO ESTORIL PRAIA

bem como a tricromia da respectiva equipa de honra

Na próximo número:
**SPORT COMÉRCIO
E SALGUEIROS**

À esquerda: o habitual cupão, que os leitores devem recortar e colecionar, pois dá-lhes direito à capa que oferecemos para encadernar todos os separatas destas reportagens



Chaves de todos os modelos

Perdeu-as? Partiram-se? Roubaram-lhas? — manda fazer outras na

CASA DAS CHAVES

de

Amadeu Gomes da Fonseca
R. da Mouraria, 3 (frente ao Cinema) • Tel. 28050

UM RECORDE BATIDO!...

Não é somente em matéria de desporto que se batem recordes!... Por hábito compram-se hoje muitas utilidades a prestações — mas com aumento de preço... — e constitui na realidade um recorde saber-se que a Alfaiataria J. C. MOURA, na Rua da Atalaia, 145, faz dessas transacções sem qualquer aumento de preço. Se V. Ex.^a tiver casa sua não é preciso fiador para adquirir um bom fato, sobretudo ou gabardine, assim como confecções de senhora em género «tailleur»! Note bem, nesta casa encontrará V. Ex.^a maior perfeição e não paga luxo.

Sociedade Construtora Costa do Sol, L.^{da}

Rua Regimento 19, 33-35 — CASCAIS

TELEFONE 161



**CONSTRUÇÕES
PROJECTOS — ORÇAMENTOS
COMPRA E VENDA DE TERRENOS
E PROPRIEDADES**



*Aluguéis de casas
com e sem mobília à época
ou ao ano*

CHSD Especializada
em bolos regionais

FORNECIMENTOS
PARA LANCHES

A
Bijou de Cascais

PASTELARIA FINA
de Alfredo Paulino

Rua Regimento 19, 37-39
CASCAIS

Prove os deliciosos
cafés da nossa
marca

COSTA DO SOL

TABACARIA DO PARQUE

de J. E. GRAVE ROSA

TELEFONE 281

Tabacos e Revistas ★ Artigos fotográficos
Trabalhos para amadores

GALERIAS DO PARQUE

ESTORIL

JOAQUIM ANTONIO PESTANA

com camionetes de aluguer

Tel. Estoril 51

SERVIÇO PERMANENTE

MERCEARIA E CASA DE PASTO

A Pérola do Monte

VIUVA DE EDUARDO ALBERTO PIRES & FILHO

Rua do Branco — (Chalet Norberto)

Telefone 344

MONTE ESTORIL

CAVES IMPÉRIO

Propriedade da

IMPERIAL VINÍCOLA L.^a

ESPUHANTES NATURAIS

VINHOS COMUNS E AGUARDENTES

LICORES SUPERFINOS

XAROPES E APERITIVOS

Produtores e Exportadores

SANGALHOS - (Portugal)

Tel. } fone: 22
grupos: "IMPERIAL"

Daniel Teixeira

Officina de calçado desportivo
do Brasil. Especializada em
todos os artigos para despor-
tes — Calçado e botina tipo
«alentejano» e «sociedade Por-
tuguesa»

TELEFONE 38 298

Calçada Duque de Lafões, 5
LISBOA

MOBILADORA DO POVO

DE

TOBIAS & CARVALHO, LIMITADA

Vende, compra, troca e aluga móveis novos e usados
MOBÍLIAS COMPLETAS

Encarrega-se de trabalhos de Marceneria e Colchoaria
MONTE ESTORIL — TELEFONE N.º 21-E.

FORNecedores DOS
PRINCIPAIS HOTEIS
DA COSTA DO SOL

★ PARTICIPAÇÃO
ESTORIL
LIMITADA

SEDE
8, Praça Costa Pinto, 9
CASCAIS

PADARIAS
8, Praça Costa Pinto, 9
7, Rua Elias Garcia, 82
Trav. Afonso Sanchez, 2
CASCAIS

Av. da Sabóia
MONTE ESTORIL

Telefones } 59 CASCAIS
488 ESTORIL

S. U. C. U. R. S. A. L.
L. de Orlonde
MONTE ESTORIL

CASA SIMPLÍCIO

TELEFONE 40

ESTORIL

S. JOÃO DO ESTORIL (sítio da Pôça) — Av. Marginal

INSTRUÇÕES DE CICLISMO

Para Homens, Senhoras e Crianças, sob a
orientação do antigo corredor J. Aguir Martins

COMPRA-SE BICICLETAS USADAS

BICICLETAS NOVAS, REPARAÇÕES,

PINTURAS, ACESSÓRIOS E ALUGUER



SERRALHARIA—BICICLETAS—FOGOES—
SOLDADURAS A AUTOGÉNIO, ETC.

Camionetas para transporte de carga
para qualquer ponto do País

Fogões especiais para aqueci-
mento de água.

Venda, aluguer e reparações

Fábrica de Gelo de Cascais, L.^{da}

Travessa da Alfarrobeira, 1 e 3
CASCAIS

Distribuidora de Gelo até Algés
TELEFONE CC 131

OFICINA METALÚRGICA
E FUNDIÇÃO

Empreza Eléctrica, Limitada

LISBOA Telef. 25357 - SINTRA Telef. 28
ESTORIL Telef. 90

Instalações de aqueci-
mento central, águas
quentes e frias, eléctricas
e de campainha. Grupos
Electro-Bombas

T. S. F. e reparações

Mercearia Pedada

CASA FUNDADA EM 1884

Praca Miguel Bombarde 6, 7 e 8
Rua do Arco 1 a 7

TELEFONE 27
CASCAIS

Varia o sortimento de géneros de
mercearia de primeira qualidade

Preços sem competência

DEPÓSITO DE TABACOS

Correspondentes: BANCO BORGES
& IRMÃO - CUPERTINO DE MI-
RANDA & C.^o

Silva & C.^a (Irmãos)

Vinhos de Colares, Bucelas e Pôrto
das melhores marcas

Cereias, Simeas, Lenhas, Carvão ve-
getal e de coke

Séde em PAREDE
Telefona 38 PAREDE

Oficina de Serralharia

DE

ARTUR EUSÉBIO

Executam-se todos os trabalhos concernentes à sua arte

Rua José Elias Garcia
P A R E D E

Alto da Parede
TELEFONE 84

Grande OURIVESARIA IDEAL

DE

TOBIAS & COSTEIRA, L.^{DA}

Rua Regimento 19, n.º 55-57
TELEF. 161 CASCAIS

SUCURSAL NO MONTE ESTORIL

Avenida S. Pedro - CHALET JOAQUIM

O MAIS COMPLETO e VARIADO
SORTIDO EM PRATAS, OURO,
JÓIAS, RELÓGIOS e
VIDROS ARTÍSTICOS

Representantes na linha de Cascais
dos célebres relógios

«TITUS» e «MIMO»

COMPRA OURO, PRATA e PEDRAS
PRECIOSAS pelos MAIS ALTOS PREÇOS

PREFERIR A OURIVESARIA IDEAL
É TER A CERTEZA DE FICAR BEM SERVIDO

Armazéns Estoris, L.^{DA}

Depositários gerais de carvão
de coke na Linha de Cascais

Carvões
Lenhas
Vinhos
e Cereais

Distribuição diária em toda a Linha
do Cascais

PEDIDOS PELO

TELEFONE ESTORIL 49

Rua Conde Moser - Monte Estoril

Casa Velo Parede

DE

Manuel Valeriano Gomes

Bicicletas a dinheiro e a prestações, Reparação, Pintura,
Acessórios para Bicycletas - Aceitam-se Bicycletas em troca
PAREDE - Rua Luiz de Camões - COSTA DO SOL

Tipografia Cardim

Casa Fundada em 1909

Trabalhos Tipográficos
Encadernação

Completo sortido em
papellaria

Telefone 58
CASCAIS

Casa Calado

DE

JOÃO MANUEL CALADO, L.^{da}

Fanqueiro e Retroselo

Fazendas de Seda,
Lã e Algodão

Camisaria, Chapellaria
e Gravataria

R. Regimento 19 de Infantaria, 80-82
Telefone 172 - CASCAIS

Pedro Duarte & C.^a L.^{da}

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS

FUNDADO EM 1933

Rua Regimento Deza-
nove, 12 a 14.A
CASCAIS

SUCURSAIS:
ALTO ESTORIL
e PAREDE

Começou o futebol!



2



1



3

Em Sintra disputou-se no domingo, perante ayultada assistência, um encontro de futebol entre o Sporting e o União Sintrense, no qual os «leões» ganharam por 6-0, com 2-0 ao intervalo, apesar da decidida exibição da defesa do vencido. As gravuras mostram: 1 - Peyroteo faz uma das suas inérgicas intervenções; 2 - Elzeu em luta com o ataque sintrense; 3 - O «team» do União Sintrense

(foto Montano)

Breitling



O MELHOR CRONÓGRAFO para médicos, desportistas, oficiais do exército, etc.